



a etologia das disfunções, de Aloisio Licht

guilherme corrêa*

Para a Verve, Aloisio preparou uma série de desenhos inéditos em que seus insetos loucos imitadores resolvem ter, também, escolas, lazer, equipamentos e torres de controle. Desde seus primeiros trabalhos esse jovem gaúcho, nascido em 1979 em Santa Maria, provoca. Neles sempre havia uma torre, solitário mirante, donde o artista podia ver pessoas como formiguinhas. Depois desce e passa a observar muito de perto formigas, aranhas e outros insetos. Surgem preciosos desenhos à caneta esferográfica e esculturas em fios de arame dobrado com o inusitado das formas de juntas, corpos e arranjos de teias sobre um galho ou num canto de parede.

Em seu interesse pelos indivíduos foi flagrado pelas relações: as frias decapitações no meio de uma batalha

* Guilherme Corrêa é pesquisador no Nu-Sol, professor na Universidade Federal de Santa Maria e autor de *Educação Comunicação Anarquia – procedências da sociedade de controle no Brasil*. São Paulo, Cortez, 2006.



entre dois exércitos de formigas inimigas... soldados indômitos, as formigas envolvem-se por completo na defesa encarniçada de sua sociedade e é aqui que podemos pegar carona no sonho sem sono do artista. Em volta da movimentação do confronto, numa dispersão que parece fugir à lógica estrita das funções da fiel soldadesca formigal, algumas formigas parecem não cumprir função alguma. E é entre essas poucas aí que vê duas afastarem-se um pouco demais. Prende sua atenção a elas e percebe que não param de seguir num prolongamento da linha de frente, distanciando-se cada vez mais da batalha. Em pouco tempo, elas definitivamente abandonaram a guerra em que deveriam estar lutando. Cinco metros de distância, seis e logo oito até que, para aflição do observador atento, aproximam-se do gradil da cerca e passam decididas para o terreno do vizinho. Não param de fugir.

Formigas desertoras? Sim, sem dúvida.

Detido pela cerca, impedido de segui-las, o artista as acompanha em intensidade. E entramos em contato com os que fogem, os que vivem onde não é colméia, cupinzeiro, vespeiro, (casa?). Surge o conceito da obra, algo que passa por deserção, disfunção, desorganização do corpo, invenção imediata de corpo, uma espécie de inocência não ingênua, ou cruel.

Sem nome, sem discurso os insetos se diferenciam, como os ícones, pela figura que compõem com aquilo que reúnem e as práticas que suas potências físicas, estendidas pelos acoplamentos que fazem, permitem. Evoluíram, não uma evolução darwiniana, mas volitiva por rebelarem-se das funções gregárias das sociedades de insetos. Rebeldes cuja causa é simplesmente não pertencer. Do mesmo modo que fugiram da sociedade e suas funções — o mais difícil — não despenderam esforço maior para livrarem-se da espécie, da escala, dos órgãos, dos hábitos. Nesse desprendimento uns atravessam solitários os espaços, outros formam duplas, blocos e até hordas imensas e ruidosas.

A etologia das disfunções, de Aloisio Licht

Os insetos não interessam como personagens, mas como multiplicidade. Cada um com sua acumulação de quaisquer coisas desde que as possam carregar. Cada um como uma junção, uma montagem, um acoplamento de coisas estranhas umas às outras — roupas, teias, objetos, outros insetos vivos ou mortos — um conforto ter por sobremesa suculentos carrapatos que se criam na sua própria cabeça. Um encontra um alfinete e como um guerreiro corre por aí a atravessar os outros, mas não é guerreiro coisa alguma, só não consegue deixar de testar com sua espada a consistência dos corpos que encontra. Outro não hesita em arrancar de um pasante uma perna que julgue melhorar sua performance e costurá-la na sua barriga, de modo a experimentar novas capacidades.

Achamos graça de qualquer coisa que façam. Efeito, talvez, do tamanho reduzido desses animais loucos, e do fato de não terem expressão facial, o que lhes permite afeiçoar-se, ou devorar a dentadas a cabeça de outro inseto, ainda se movendo em suas garras, com a mesma cara.

Enquanto você dorme uma dessas gracinhas pode entrar no seu ouvido, rasgar seu tímpano e alojar-se no seu cérebro.

*Recebido para publicação em 19 de agosto de 2008.
Confirmado em 22 de setembro de 2008.*